Fanjul, Adrián Pablo e González, Neide Maia (org). Espanhol e português brasileiro: estudos comparados. São Paulo, Parábola, 2014.

Andreia Menezes e Rosângela Dantas

No artigo "O ensino de espanhol para além dos limites da didática comunicativa" publicado em 2007, o pesquisador Paulo Corrêa apontava para o que lhe parecia uma inversão de prioridades no cenário das pesquisas referentes à língua espanhola desenvolvidas em nível de pós-graduação no Brasil naquele momento. Segundo ele, em centros nacionais onde tradicionalmente não havia pesquisa sobre o espanhol, era notável que os projetos se dedicavam de "maneira cada vez mais intensa à pesquisa da didática comunicativa dessa língua" em lugar de dedicar-se primeiramente à tarefa de "pensar a língua e seus fatos do ponto de vista do Brasil e do português" (Corrêa, 2007, p.61). E destacava a importância de projetos e linhas de pesquisa em programas de pós-graduação que abraçavam essa tarefa, promovendo "reflexões fundamentais" para "melhor entender os processos que envolvem o espanhol e que o aproximam e diferenciam do português" (Corrêa, 2007, p.61). A obra que ora resenhamos apresenta, com seriedade e abrangência, justamente os resultados de estudos que vão ao encontro do que Corrêa apontava como relevante naquele momento.

O volume Espanhol e português brasileiro: estudos comparados, organizado pelos professores doutores da Universidade de São Paulo Adrián Pablo Fanjul e Neide T. Maia González e publicado pela editora Parábola em 2014, é uma compilação de oito artigos frutos de sérias pesquisas que vêm sendo realizadas já há alguns anos em nosso país. A obra foi recebida com muito entusiasmo por aqueles que trabalham com a pesquisa e\ou o ensino espanhol no Brasil, ou mesmo do português brasileiro no exterior, nos seus diferentes níveis e âmbitos, visto que veio sanar uma demanda por literatura sobre os estudos comparados entre essas duas línguas. Os oito capítulos estão organizados em três partes, dispostos de forma progressiva, servindo um texto de base explicativa para os subsequentes. Ademais, durante a leitura encontramos sempre remissões a capítulos anteriores ou posteriores, organização essa que concede à obra uma organicidade que não a constitui apenas como uma compilação de artigos.

A primeira parte está formada por três capítulos que focalizam temas relacionados à função pronominal. Conforme advertem os autores na introdução à obra, o primeiro capítulo, "Conhecendo assimetrias: a ocorrência de pronomes pessoais", elaborado por Fanjul, é seminal aos temas que serão tratados no decorrer do livro. Esse primeiro texto se detém na proposta da "inversa assimetria" pronominal existente entre o português brasileiro (PB) e o espanhol (E), tese desenvolvida por Neide González (1994) e que deu origem a diversos outros trabalhos comparativos entre as duas línguas realizados no Brasil. O autor, com base em estudos de González e de outros autores que se dedicaram a essa questão, focaliza especialmente as mudanças de efeito de sentido quando se usa ou não pronomes sujeito e objeto em PB e em E. Aborda igualmente outras construções pronominais onde também se estabelece essa assimetria, a saber: construções de sentido reflexivo, as expressões inacusativas, os dativos, construções impessoais e passivas. Partindo da seleção de

alguns trechos de uma tradução ao espanhol do romance *Uma aprendizagem ou o livro do prazeres* de Clarice Lispector, Fanjul elabora um texto claro e didático que resume muito bem esse tema crucial para quem trabalha na área.

O segundo capítulo, "Colocação dos pronomes clíticos", de Carlos Donato Petrolini Junior, se dedica a descrever como se organiza a colocação dos pronomes clíticos em E e no no PB. Em E, retoma a tão conhecida regra: os pronomes clíticos se colocam pospostos aos verbos quando estes estão em gerúndio, infinitivo e imperativo afirmativo, e que os particípios não admitem clíticos pospostos. Depois de recordada a regra, o autor focaliza situações em que essa definição não é tão clara: perífrases verbais, sequências verbais não perifrásticas e locuções verbais, além dos casos em que aparecem relacionados a outros tipos de clíticos. Petrolini Junior resume também o uso dos clíticos no PB, salientando que não há um consenso entre os gramáticos quanto às prescrições normativas e que resumirá as tendências observadas tanto na fala de pessoas escolarizadas como em outras. Descreve esse tema quando se trata de formas verbais simples, mas também em perífrases verbais, sequências verbais não perifrásticas e locuções verbais.

Encerrando a primeira parte, está "As construções relativas: parte das inversas assimetrias?" de Neide Maia González e Isabel Contro Castaldo. Nesse capítulo encontramos um resumo da gênese da já mencionada tese de Gónzalez: instigada especialmente pelas produções realizadas por seus alunos das disciplinas de língua espanhola de um curso de Letras, a pesquisadora observou que havia entre o PB e o E uma assimetria que em muitos aspectos coincidia com a descrita por Fernando Tarallo no texto "Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias" (1993) ao comparar o PB e o português europeu (PE). Entre as assimetrias constatadas por Tarallo estavam as estratégias de relativização em cada um dos "portugueses". Castaldo e González questionam no artigo se os fenômenos linguísticos tratados no primeiro capítulo se estenderiam às construções relativas. Após realizarem uma breve descrição das construções relativas encontradas em PE e E, concluem que ambas as línguas seguem as mesmas estratégias de relativização: a de piedpiping, a de pronome cópia e a cortadora ou não pronominal. No entanto, as pesquisadoras apontam que a preferência pelo uso de cada uma delas em cada língua não coincide, bem como a sua distribuição entre os diferentes registros dessas línguas. Essa constatação as leva a afirmar que também nessa questão se reflete a inversa assimetria entre o PE e o E. Assim, encontramos no artigo algumas chaves acerca dessa questão sobre a qual ainda há pouca bibliografia e que geralmente é tratada superficialmente tanto em livros didáticos, como em cursos de língua.

A segunda parte da obra, denominada "A determinação", está composta por dois capítulos. O primeiro deles, de Gisele Souza Moreira, é intitulado "As séries de demonstrativos: mais assimetrias". Nele, com base especialmente na análise de um corpus formado pela transcrição de falas de ouvintes de rádio de emissoras situadas em Madri, Buenos Aires, São Paulo e Salvador, a autora observa uma assimetria entre as duas línguas também quando focalizamos os demonstrativos. Moreira constata que o PB apresenta uma tendência ao retrocesso da série "este" e o crescimento da série "esse" que abarca os usos normativos destinados a ambas as séries. Por outro lado, encontrou que em espanhol há a extensão da segunda série "ese" para valores normativos atribuídos à própria segunda, mas também à terceira "aquel". Finaliza atentando de forma pertinente aos possíveis "desencontros no contato" que podem

causar aos falantes brasileiros essas diferentes tendências, já que a primeira série é a única que pode dar conta do aqui-agora, enquanto no PB esta situação é abarcada pela primeira e pela segunda.

No capítulo "Ausência de determinante: referência genérica vs. referência específica", que encerra a segunda parte, Neide Maia González se debruça sobre "as diferenças, ora muito evidentes, ora muito sutis, entre as formas de determinar (ou não), de especificar ou de generalizar em espanhol (E) e em português, sobretudo o brasileiro" (González, 2014, p. 114). A amplitude do tema é tremenda e para o recorte, a autora utilizou como critério contemplar casos que impactam a produção de como língua estudantes brasileiros de espanhol estrangeira consequentemente, sua compreensão. São eles, a presença ou ausência de artigo diante de um nome (Me encantan las aceitunas; Eu adoro azeitonas¹) e a possibilidade ou não do uso de substantivos no singular e sem determinantes como representantes de toda uma classe (Cachorros precisam de carinho; Los perros necesitan cariño; Perro ladrador, poco mordedor). Nos três subitens em que essas questões são discutidas com profundidade e sem hermetismo -, além das referências teóricas que embasam a análise das possibilidades em cada um dos idiomas, encontramos também a enriquecedora presença de exemplos de produções de estudantes de E/LE, selecionados de um corpus recolhido pela autora ao longo de sua experiência docente, que seguramente soarão familiares aos professores que trabalham no âmbito do ensino de E/LE no Brasil.

"Em torno do verbo, papéis e argumentos" é o título da terceira parte do livro e nos três artigos que a compõem encontramos estudos que observam a articulação em torno das formas verbais dos "processos de introduzir e apontar referentes no discurso" (Fanjul e González, 2014, p. 23). No primeiro deles, "As formas passivas", Benivaldo José de Araújo Júnior destaca a incidência das construções passivas nos gêneros da chamada comunicação de massa, atualmente muito presentes em nosso cotidiano e, consequentemente, a relevância de dedicar a elas um tratamento mais cuidadoso que aquele dado pelos manuais didáticos e gramáticas tradicionais. Assim, o autor nos apresenta, com um estilo claro e objetivo, um estudo minucioso e abrangente da tipologia e do funcionamento das construções passivas em E e em PB, considerando na análise "aspectos sintáticos (transitividade verbal e funções sintáticas), semânticos (papéis temáticos) e pragmáticos (funções pragmáticas)" (Araújo Júnior, 2014, p. 133). Entre as conclusões que sintetizam o capítulo, cita tanto semelhanças como assimetrias na observação das passivas em PB e E, porém destaca que "em vez de pautar-se unicamente pelas diferenças de uso que têm essas construções nas duas línguas, seria proveitoso beneficiar-se, também, dos usos que compartilham" (Araújo Júnior, 2014, p. 157).

No artigo seguinte, "Posse, domínio, apresentação, existência", Adrián Fanjul compara alguns usos atuais em PB e E dos verbos ter/tener, haver/haber e estar/estar. Segundo o próprio autor, o trabalho surgiu da inquietação provocada pelo "frequente 'desencontro', seja nas aulas ou em qualquer outro espaço de contato linguístico, entre os hábitos e expectativas dos falantes de cada uma das línguas" comparadas na obra, quanto ao aparecimento das formas dos verbos citados, com a "habitual sensação de que se usa um onde 'deveria' estar o outro" (Fanjul, 2014, p. 159).

_

¹ Os exemplos são da própria autora.

Inquietação essa que, seguramente, alguns leitores também reconhecerão como própria. Fanjul começa comparando o uso dos dois primeiros pares como auxiliares, em seguida apresenta reflexões em torno dos valores semânticos normalmente associados a esses verbos e que dão título a seu trabalho. Após a problematização das explicações normalmente usadas na prática docente para diferenciar os pares ter/tener, haver/haber, o autor propõe duas formulações para construções com os verbos citados, a saber: (I) ter/tener com S e OD e (II) haver/ter e haber com S nulo e com OD e passa então a discutir sua distribuição nas duas línguas. O foco em seguida recai sobre o uso de estar com/estar con e ter/tener, e nessa explanação o autor embasa sua reflexão com as conclusões de trabalhos recentes de descrição tanto do PB, como deste último em contraste com o E. O artigo é fartamente ilustrado com exemplos, o mais das vezes enunciados reais e não produzidos ad hoc, e as respectivas possibilidades de tradução para a outra língua observada.

O artigo que encerra a terceira parte, "A frase imperativa citada" é o único escrito da perspectiva oposta àquela dos outros trabalhos, ou seja, a partir da experiência de ensinar português como língua estrangeira para hispanoparlantes. Seus autores, os pesquisadores argentinos Olga Regueira e Carlos R. Luis, dedicam-se a uma construção típica do português que os aprendizes hispanoparlantes resistem em incorporar às suas produções. Trata-se da possibilidade que o português oferece de citar uma frase imperativa usando para tanto a construção verbo dicendi + para + sujeito + infinitivo. Em seu lugar, esses aprendizes preferem o uso compartilhado com o português, ou seja, verbo dicendi + que + subjuntivo. Ilustrando com fragmentos de exemplos dos próprios autores, em lugar de, por exemplo, "mandou eu sentar" ou "pedi para uma candidata usar", seria mais comum encontrar nas produções dos aprendizes citados "mandou que eu sentasse" ou "pedi que a candidata usasse" (Regueira e Luis, 2014, p. 190). Em seu trabalho, os autores primeiramente oferecem uma descrição dessas construções mais ampla que aquela encontrada normalmente em gramáticas e manuais, problematizando a função sintática que nelas desempenha a partícula para e os pronomes pessoais átonos e tônicos. Em seguida, refletem sobre seu uso e sobre suas implicações no ensino do PB no contexto em que atuam. Além disso, trazem para a discussão a outra face da moeda, os desencontros produzidos pela transferência observada nas produções de aprendizes brasileiros de E/LE ao lidar com enunciados reportando pedidos, ordens e sugestões.

É de se destacar, ainda, que o conteúdo encontrado tanto na apresentação como na conclusão da obra, de autoria dos organizadores, praticamente os converte em artigos. No texto de abertura, Fanjul e González, além de apresentar os artigos que compõem a o volume, fazem uma leitura histórica "sobre as percepções e abordagens da língua espanhola nos espaços de diversos tipos que, no Brasil, têm se dedicado a seu conhecimento e divulgação" (Fanjul e González, 2014, p.7). O texto de encerramento, por sua vez, traz uma ampla compilação de pesquisas nos mais diferentes enquadramentos teóricos que refletem de forma comparativa sobre as duas línguas que são objeto da obra. Ao lê-lo, constatamos que o cenário é bem diferente daquele descrito por Corrêa em 2007.

Para encerrar, acreditamos que a leitura desta obra pode ser de proveito não só para docentes e pesquisadores da área de espanhol, seguramente seus primeiros destinatários, como também para tradutores e estudantes de Letras. Ademais, consideramos que a perspectiva comparativa e a qualidade dos artigos que compõem

o volume certamente darão lugar a importantes reflexões a linguistas, tanto àqueles que se dedicam ao estudo do português e do espanhol, como também aos que trabalham com outras línguas estrangeiras, e quiçá ensejem novos trabalhos que venham enriquecer a área.

Resenha submetida para publicação em 02 de fevereiro de 2015. Resenha aceita para publicação em 23 de novembro de 2015.

Referências bibliográficas

ARAÚJO JÚNIOR, Benivaldo José. "As formas passivas". In: Fanjul, Adrián Pablo e González, Neide Maia (org). **Espanhol e português brasileiro: estudos comparados**. São Paulo, Parábola, 2014.

CORRÊA, Paulo. "O ensino de espanhol para além dos limites da didática comunicativa. Interdisciplinar". In: **Revista de Língua e Literatura**. v. 4, n. 4, 2007. p. 58-68.

FANJUL, Adrián Pablo. "Posse, domínio, apresentação, existência". In: Fanjul, Adrián Pablo e González, Neide Maia (org). **Espanhol e português brasileiro: estudos comparados**. São Paulo, Parábola, 2014.

FANJUL, Adrián Pablo e GONZÁLEZ, Neide Maia. "Políticas do saber e (re)descoberta das línguas". In: Fanjul, Adrián Pablo e González, Neide Maia (org). **Espanhol e português brasileiro: estudos comparados**. São Paulo, Parábola, 2014.

GONZÁLEZ, Neide Maia. Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos. Tese de doutorado em Linguística. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

(2014). "Ausência de determinante: referência genérica vs. referência específica". In: Fanjul, Adrián Pablo e González, Neide Maia (org). **Espanhol e português brasileiro: estudos comparados.** São Paulo, Parábola, 2014.

REGUEIRA, Olga e LUIS, Carlos R. "A frase imperativa citada". In: Fanjul, Adrián Pablo e González, Neide Maia (org). **Espanhol e português brasileiro: estudos comparados**. São Paulo, Parábola, 2014.

TARALLO, Fernando. "Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias". In: **Português brasileiro. Uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 69-105.